

# Jubileu *representou sempre na vida da Igreja um acontecimento de grande relevância espiritual, eclesial e social.*

Na tradição veterotestamentária, o tempo jubilar era o que insidia no quinquagésimo ano, ou seja, depois de sete períodos de sete anos (cf. Lv 25,8ss: «sete semanas de anos»). Nesse período (ano sabático) a terra repousava, os cativos eram libertados e as dívidas consideradas saldadas. Entre os cristãos, este costume foi retomado, em 1300, e designado como **Ano Santo**. Inicialmente era de 100 em 100 anos, mas, atualmente, celebra-se de 25 em 25 anos.

José Aldazábal. *Jubileu*, Dicionário elementar de liturgia.

# o sentido do Jubileu 2025

# **CARTA DO PAPA FRANCISCO ao arcebispo Rino Fisichella PELO JUBILEU 2025**

*Ao amado Irmão **Arcebispo RINO FISICHELLA***

*Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização*

**JUBILEU** representou sempre na vida da Igreja um acontecimento de grande relevância espiritual, eclesial e social. Desde que Bonifácio VIII, em 1300, instituiu o primeiro Ano Santo – com recorrência centenária, passando depois, segundo o modelo bíblico, a quinquenária e por fim fixada de vinte e cinco em vinte e cinco anos –, o fiel e santo povo de Deus viveu esta celebração como um dom especial de graça, caracterizado pelo perdão dos pecados e, em particular, pela indulgência, expressão plena da misericórdia de Deus. Os fiéis, frequentemente no final de uma longa peregrinação, dessedentam-se no tesouro espiritual da Igreja atravessando a Porta Santa e venerando as relíquias dos Apóstolos Pedro e Paulo guardadas nas Basílicas romanas. Milhões e milhões de peregrinos, ao longo dos séculos, vieram até estes lugares sagrados dando vivo testemunho da fé de sempre.

O Grande Jubileu do ano 2000 introduziu a Igreja no terceiro milénio da sua história. Tanto o aguardou e desejou São João Paulo II, com a esperança de que todos os

cristãos, superadas as divisões históricas, pudessem celebrar juntos os dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Agora aproxima-se a meta dos primeiros vinte e cinco anos do século XXI, e somos chamados a realizar uma preparação que permita ao povo cristão viver o Ano Santo em todo o seu significado pastoral. Neste sentido, constituiu uma etapa significativa o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que nos permitiu redescobrir toda a força e ternura do amor misericordioso do Pai a fim de, por nossa vez, sermos testemunhas do mesmo.

Mas, nos últimos dois anos, não houve nação que não tenha sido transtornada pela inesperada epidemia que, além de nos ter feito tocar de perto o drama da morte na solidão, a incerteza e o carácter provisório da existência, modificou o nosso modo de viver. Como cristãos, sofremos juntamente com todos os irmãos e irmãs os mesmos sofrimentos e limitações. As nossas igrejas estiveram fechadas, bem como as escolas, as fábricas, os escritórios, as lojas e os locais de-

dicados ao tempo livre. Todos vimos algumas liberdades limitadas e a pandemia, além do sofrimento, por vezes suscitou no íntimo de nós mesmos a dúvida, o medo, a perplexidade. Os homens e mulheres de ciência encontraram, com grande celeridade, um primeiro remédio que permite regressar pouco a pouco à vida quotidiana. Temos plena confiança de que a epidemia possa ser superada e o mundo volte a ter os seus ritmos de relações pessoais e de vida social. Isto será conseguido mais facilmente se agirmos com solidariedade efetiva de modo que não sejam negligenciadas as populações mais carentes, mas se possa partilhar com todos quer as descobertas da ciência quer os medicamentos necessários.

Devemos manter acesa a chama da esperança que nos foi dada e fazer todo o possível para que cada um recupere a força e a certeza de olhar para o futuro com espírito aberto, coração confiante e mente clarividente. O próximo Jubileu poderá favorecer imenso a recomposição dum clima de esperança e confiança, como sinal dum renovo do renascimento do qual todos sentimos a urgência. Por isso escolhi o lema *Peregrinos de esperança*. Entretanto tudo isto será possível se formos capazes de recuperar o sentido de fraternidade universal, se não fecharmos os olhos diante do drama da pobreza crescente que

impede milhões de homens, mulheres, jovens e crianças de viverem de maneira digna de seres humanos. Penso de modo especial nos inúmeros refugiados forçados a abandonar as suas terras. Que as vozes dos pobres sejam escutadas neste tempo de preparação para o Jubileu que, segundo o mandamento bíblico, restitui a cada um o acesso aos frutos da terra: «O que a terra produzir durante o seu descanso, servir-vos-á de alimento, a ti, ao teu escravo, à tua serva, ao teu jornaleiro e ao inquilino que vive contigo. Também o teu gado, assim como os animais selvagens da tua terra, poderão alimentar-se com todos esses frutos» (*Lv* 25, 6-7).

Por conseguinte, que a dimensão espiritual do Jubileu, que convida à conversão, se combine com estes aspetos fundamentais da vida social, de modo a constituir uma unidade coerente. Sentindo-nos todos peregrinos na terra onde o Senhor nos colocou para a cultivar e guardar (cf. *Gn* 2, 15), não nos desleixemos, ao longo do caminho, de contemplar a beleza da criação e cuidar da nossa casa comum. Almejo que o próximo Ano Jubilar seja celebrado e vivido também com esta intenção. Com efeito, um número cada vez maior de pessoas, incluindo muitos jovens e adolescentes, reconhece que o cuidado da criação é expressão essencial da fé em Deus e da obediência à sua

vontade.

Confio-te, amado Irmão, a responsabilidade de encontrar as formas adequadas para que o Ano Santo possa ser preparado e celebrado com fé intensa, esperança viva e caridade operosa. O Dicastério que promove a nova evangelização saberá fazer deste momento de graça uma etapa significativa na pastoral das Igrejas Particulares, latinas e orientais, que nestes anos são chamadas a intensificar o empenho sinodal. Nesta perspectiva, a peregrinação rumo ao Jubileu poderá reforçar e exprimir o caminho comum que a Igreja é chamada a empreender para ser, cada vez mais e melhor, sinal e instrumento de unidade na harmonia das diversidades. Será importante ajudar a redescobrir as exigências da vocação universal à participação responsável, valorizando os carismas e ministérios que o Espírito Santo não cessa jamais de conceder para a construção da única Igreja. As quatro Constituições do Concílio Ecuménico Vaticano II, juntamente com o magistério destes decénios, continuarão a orientar e guiar o santo povo de Deus, a fim de que progrida na missão de levar a todos o jubiloso anúncio do Evangelho.

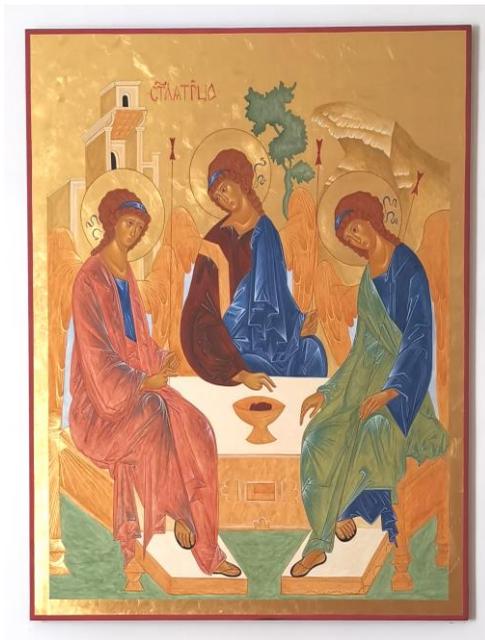
Como é costume, a Bula de Promulgação, que será emanada no devido tempo, conterá as indicações necessárias para celebrar o Jubileu de 2025. Neste tempo de preparação, desde já me alegra pensar que se poderá dedicar o ano

anterior ao evento jubilar, o 2024, a uma grande «sinfonia» de oração. Oração, em primeiro lugar, para recuperar o desejo de estar na presença do Senhor, escutá-Lo e adorá-Lo. Oração, depois, para agradecer a Deus tantos dons do seu amor por nós e louvar a sua obra na criação, que a todos compromete no respeito e numa ação concreta e responsável em prol da sua salvaguarda. Oração, ainda, como voz de «um só coração e uma só alma» (cf. *At 4, 32*), que se traduz na solidariedade e partilha do pão quotidiano. Oração, além disso, que permita a cada homem e mulher deste mundo dirigir-se ao único Deus, para lhe expressar tudo o que traz no segredo do coração. E oração como via mestra para a santidade, que leva a viver a contemplação inclusive no meio da ação. Em suma, um ano intenso de oração, em que os corações se abram para receber a abundância da graça, fazendo do «Pai Nosso» – a oração que Jesus nos ensinou – o programa de vida de todos os seus discípulos.

Peço à Virgem Maria que acompanhe a Igreja no caminho de preparação para o acontecimento de graça que é o Jubileu e, agradecido, envio-te de coração, a ti e aos colaboradores, a minha Bênção.

*Francisco*

Roma, São João de Latrão, na Memória de Nossa Senhora de Lurdes, 11 de fevereiro de 2022.



Sob o título "*Seguendo Gesù*" [*Seguindo Jesus*], MANLIO SIMONETTI e EMANUELA PRINZIVALLI recolhem com precisão os principais textos da literatura cristã das origens. O primeiro volume, já publicado em Itália, compreende a chamada DIDAQUÊ, a PRIMEIRA CARTA DE CLEMENTE AOS CORÍNTIOS e as CARTAS DE INÁCIO DE ANTIOQUIA (Fondazione Valla, Mondadori, p. XXIII-630). O segundo volume,

organizado pelos mesmos estudiosos, reunirá as CARTAS DE POLICARPO, O PASTOR DE ERMA e a CARTA DE BARNABÉ.

# os mistérios de Jesus: as palavras dos primeiros cristãos sobre os enigmas da fé

ESTAMOS nas primeiras décadas do Cristianismo: entre os anos 60-70 e 120. Os cristãos ainda não assumiram o seu nome, embora Jesus seja o fundamento da sua vida. Entre os escritores e leitores

desses textos, alguns encontraram os discípulos diretos do Senhor: muitos ouviram as suas palavras por meio de uma tradição oral. As comunidades cristãs ainda são informes e incipientes, sem estru-

turas enraizadas e com traços fortemente carismáticos.

Tanto os apóstolos (que não devem ser confundidos com os 12) quanto os profetas, assim como os mestres são missionários itinerantes, como séculos depois irá ocorrer também entre os Maniqueus. Eles não têm casa nem igreja: podem parar num lugar só por dois dias e, se permanecerem por mais tempo, são considerados "falsos profetas". Os ritos são incertos: ainda não se estabeleceu quem deve ser o ministro do batismo. Talvez todos os fiéis possam batizar. Essa situação muito fluida tende a enrijecer-se: nos anos de INÁCIO, forma-se uma hierarquia de três níveis, mais estrita e compacta do que a de Paulo: **bispos, presbíteros, diáconos**.

Lendo esses textos arcaicos, a nossa primeira sensação é de percorrer o cristianismo originário, que respira com o mesmo respiro de Jesus e percorre as suas normas. Na realidade, as coisas são diferentes. Muitas vezes, o que falta ao primeiro cristianismo é, em parte, justamente, o cristianismo. Os nossos autores não conhecem os Evangelhos sinópticos, que ainda não tinham sido escritos ou que estavam a ser escritos naqueles mesmos anos, ou que ainda não tinham adquirido autoridade. Eles conhecem passagens paralelas, que provêm de uma coleção parassinóptica oral ou escrita. E alguns compre-

endem perfeitamente as Cartas de Paulo. CLEMENTE possui a filosofia judaico-helénica, que depois será esquecida ou ignorada pelas comunidades cristãs. Na sua carta, comove principalmente a lembrança do Antigo Testamento: texto único e capital, embora as suas passagens e as suas figuras sejam interpretadas como antecipações de Jesus.

Especialmente na DIDAQUÊ, que ainda não tem um aspeto narrativo, falta a figura de Jesus, que prega, caminha, fala secretamente aos seus discípulos. No mesmo texto, há uma falta ainda mais grave: não há traços do corpo e do sangue de Cristo e da sua morte como redenção, quase como se Paulo nunca tivesse pregado. Jesus ainda não se tornou Xristos: isto é, o Messias, termo essencial nos Evangelhos. Ele não é a salvação, mas o caminho que leva à salvação: ele conduz-nos a Deus, mas não é a meta. ***"Graças a ele, fixamos o olhar nas alturas dos céus, graças a ele observamos como num espelho o rosto imaculado e altíssimo de Deus"***.

Mas, pouco a pouco, o sangue de Jesus Cristo torna-se o centro da salvação. E, nos primeiros anos do século II, INÁCIO escreve estas palavras belíssimas: ***"Espera aquele que está acima do mundo, sem tempo, invisível por nós visível, impalpável, impassível por nós passível, aquele***

**que primeiro suportou toda a espécie de sofrimento".** Deus cai na sombra, a criação passa para o segundo plano. E Jesus cresce e avança na cena, com o seu corpo ensanguentado e a sua morte, até se tornar aquele que foi e será para sempre: o Cristo de Paulo e de João.

Quem fala, na Primeira Carta aos Coríntios de CLEMENTE, é a Igreja de Roma: a comunidade inteira e vasta dos fiéis, que se dirige com uma só voz aos cristãos de Corinto: **"A Igreja de Deus que vive como estrangeira em Roma à Igreja de Deus que vive estrangeira em Corinto"**. Tanto uma como a outra são duplamente estrangeiras: em relação ao mundo, porque os cristãos são estrangeiros em relação ao mundo, e diante do céu, porque a nossa vida sobre esta terra é provisória.

Tanto a Igreja de Corinto, à qual CLEMENTE se dirige, quanto as Igrejas da Ásia Menor, às quais Inácio se dirige, são presas da discórdia: as comunidades cristãs repetem a mesma situação dos grupos judeus, que nas gerações passadas tinham sido sacudidas por ódios ferozes. A condição das Igrejas parece terrível: discórdia, revolta, tumultos, ciúmes, rixa, inveja, perseguições, desordens "funestas e sacrílegas".

CLEMENTE e INÁCIO remetem para episódios da Bíblia: o crime de Caim, os ciúmes de Esaú contra

Jacob, o dos irmãos contra José, de Saul contra David. Não sabemos exatamente qual é a razão dessas discórdias. No caso das Cartas de INÁCIO, é claro que as comunidades médio-orientais são, em parte, dominadas por grupos docetistas, que negam a morte de Cristo incarnado sobre a cruz.

Em geral, as causas são menos precisas: as autoridades e as hierarquias tradicionais das Igrejas são postas em discussão por contestadores que provêm de baixo (às vezes, mulheres). **"Insurgiram-se – proclamava CLEMENTE – os sem honra contra os honrados, os obscuros contra os ilustres, os tolos contra os sensatos, os jovens contra os anciãos... Todos abandonaram o temor de Deus"**.

Contra essa condição de cisma e de dissídio, CLEMENTE e INÁCIO recomendam, quase com as mesmas palavras, a unidade, a concórdia, a paz nas comunidades cristãs. **"Devemos fazer ordenadamente tudo o que o Senhor concordou realizar nos tempos estabelecidos"**. Como a Igreja está unida com Jesus Cristo, e Jesus Cristo com o Pai, assim todos os fiéis devem estar unidos com o bispo. **"Vós não deveis fazer nada sem o bispo e os presbíteros. Tudo seja feito em comum: uma só oração, uma só invocação, uma só intenção,**

***uma só esperança no amor e na alegria irrepreensível que é de Jesus Cristo".***

Como na Primeira Carta aos Coríntios de PAULO, tudo se cumpre e se liberta no amor: ágape. ***"O amor liga-nos a Deus: o amor tudo suporta, tudo tolera: o amor não tem divisões, o amor não cria discórdias, o amor tudo cumpre na concórdia... Vede, ó diletos, como é grande e maravilhoso o amor, e da sua perfeição não há explicação"***. Há uma diferença em relação a Paulo, no qual a perfeição do amor era claramente explicada: ele é mais excelso do que a esperança e a caridade e jamais tem fim. Aqui, em CLEMENTE, o amor representa a culminação da existência cristã, justamente porque é uma condição inexplicável e inefável.

Bispo de Antioquia entre 110 e 120, INÁCIO foi preso pela autoridade romana, colocado em viagem sob escolta e levado a Roma, onde deveria ser lançado às feras do anfiteatro. A viagem foi lenta: em cada etapa, mensageiros das comunidades cristãs da Ásia Menor prestavam-lhe homenagem, enquanto ele escrevia cartas, nas quais ressoava a tradição paulina. O tema principal, grandioso e atroz, é o do martírio. INÁCIO não quer, sob nenhum preço, por nenhuma razão, ser

libertado das correntes e da condenação. Só imitando Jesus, só sofrendo a morte como Jesus na cruz, ele se tornará plenamente cristão. A sua morte será como o pôr-do-sol: mas esse ocaso-morte inverte-se na ressurreição em Deus.

Com uma tremenda autoferocidade, INÁCIO chega ao ponto de dizer que se as feras não quisessem devorá-lo, ele ***"obrigá-las-ia à força"***. ***"Fogo e cruz, confrontos com as feras, lacerações, esquarteramentos, dispersão de ossos, mutilação de membros, trituração – tanto que eu possa alcançar Jesus Cristo"***. No anfiteatro, as garras das feras cruéis dilaceraram-no, transformando-o em pão puro.

O outro tema de INÁCIO é o do silêncio de Deus e da descida escondida do Redentor. Essa descida conhece três etapas: a virgindade de Maria, o parto de Maria, a morte do Senhor. As três etapas são a suprema manifestação de Deus, que fala sobretudo quando cala. Satanás e os príncipes deste mundo ignoram o silêncio de Deus. Se queremos chamar-nos cristãos, devemos ouvir tanto as palavras audíveis dos Evangelhos quanto as palavras escondidas e silenciosas do Senhor, nas quais ele nos revela todos os mistérios de Cristo, todos os enigmas do Universo.

A análise é do ensaísta e crítico literário italiano PIETRO CITATI, considerado um dos mais respeitados literatos contemporâneos, em artigo para o jornal *La Repubblica*, em 05-10-2010.



## Morreu MÁRIO DE OLIVEIRA o padre que combateu Fátima e a PIDE

**O** PADRE MÁRIO DE OLIVEIRA, autor de livros polémicos como *"Fátima, nunca mais"*, faleceu na passada quinta-feira aos 84 anos, no Hospital de Penafiel, onde estava internado desde o final do mês de janeiro devido a um acidente de viação.

Conhecido popularmente por **Padre Mário da Lixa**, devido à sua forte ligação com a comunidade de Macieira da Lixa, no concelho de Felgueiras, o presbítero não resistiu aos ferimentos sofridos a 27 de janeiro, quando o veículo em que seguia se despiستou devido à falta de travões, embatendo com violência numa residência.

Internado no Hospital de Penafiel com fraturas múltiplas, permaneceu nos cuidados intensivos até ao início da semana. Apesar da aparente estabilização do quadro clínico, que resultou na sua transferência para a ortopedia, o presbítero sofreu uma recaída súbita nas últimas horas, vindo a falecer naquela unidade perto das 9 horas da manhã.

A ligação de Mário de Oliveira, natural da freguesia de Lourosa, em Santa Maria da Feira, aos estudos religiosos iniciou-se em 1950, quando deu entrada no Seminário da Diocese do

Porto. A ordenação como padre aconteceu em 1962, tendo pouco depois sido enviado como capelão das tropas portuguesas na Guiné-Bissau.

As suas posições públicas contra a manutenção do conflito foram mal recebidas pelas estruturas eclesíásticas de então, mas também pela PIDE, que o prendeu por duas vezes e o levou a julgamento, tendo sido absolvido.

Expulso da Igreja Católica na década de 1970, o Padre Mário entregou-se desde então à atividade jornalística, dirigindo o jornal *"Fraternizar"*, e à escrita de livros, dos quais o mais polémico foi *"Fátima, nunca mais"*, que chegou à oitava edição em poucos meses.

A sua obra estava a ser editada há vários anos pela Seda Publicações, de Jorge Castelo Branco, incluindo o seu derradeiro livro, *"Do mítico Cristo-da-Fé ao Jesus Pré-Histórico"*, publicado no ano passado.

Da sua vasta obra, composta por 52 títulos, predominam os estudos bíblicos, grande parte dos quais centrados na denúncia do que considerava ser o desvirtuamento total da mensagem de Jesus Cristo.

Paralelamente, dedicou-se ainda à dinamização do Barracão de Cultura, projeto de dinamização cultural, social e cívica que desenvolveu em Macieira da Lixa e ao qual se manteve ligado até aos últimos dias.

Numa das suas últimas entrevistas, concedida em 2019 à *"Notícias Magazine"*, manteve o discurso crítico para com as estruturas eclesíásticas e, apesar de ter considerado que ainda vivemos numa sociedade clericalizada, defendeu que essa influência tem os dias contados: *"O século XXI é pós-cristão, pós-católico e pós-religioso"*.

SÉRGIO ALMEIDA

<https://www.jn.pt/artes/morreu-o-padre-mario-de-oliveira-14621144.html> (24 Fevereiro 2022)

Vinte e cinco anos após a destituição,  
pela Santa Sé, do bispo de Evreux.

# Bispo GAILLOT,



**um homem livre,  
irmão dos mais pobres  
e bispo das periferias**

**Foi há vinte e cinco anos** que o Vaticano destituiu o *bispo vermelho* que defendeu os emigrantes e esteve, sempre, ao lado dos mais desfavorecidos da sociedade, tornando-se a voz dos que não tinham voz”.

“Na Eucaristia de despedida como pastor da sua diocese da Normandia, teve à sua volta mais de dez mil pessoas que, deste modo, lhe quiseram manifestar o seu afeto, a sua intimidade e a sua gratidão”.

GAILLOT dizia: **“Mais do que pertencer a um país ou a uma cultura, nós somos habitantes do planeta. Mais do que sermos do Norte ou do Sul, somos cidadãos do mundo”.**

Atuava: “em outubro de 2000, a polícia impediu-o de entrar numa igreja de Almeria, onde cinquenta e nove emigrantes cumpriam doze dias de greve de fome. Durante a guerra do Golfo, condenou o bloqueio contra o Iraque. Em 1987, na África do Sul, manifestou-se contra o apartheid”.

“Vinte e cinco anos após a destituição do bispo GAILLOT, agora, com a primavera do papa Francisco, há que recordar o bispo de Evreux, **JACQUES GAILLOT, um profeta**”.

**N**o passado mês de janeiro, sem que se tivesse recordado este doloroso aniversário, decorreram vinte e cinco anos desde a data da destituição,

pela Santa Sé, do bispo de Evreux, **JACQUES GAILLOT**. Na Eucaristia de despedida como pastor desta sua diocese da Normandia, teve à sua volta mais de

dez mil pessoas que, deste modo, lhe quiseram manifestar o seu afeto, a sua intimidade e a sua gratidão. Em jeito de despedida, o bispo Jacques disse o seguinte: “Quero que a minha última mensagem em Evreux seja uma mensagem de esperança”, acrescentando, porém: “Na minha primeira missa em Evreux, em 1982, sobraram muitos lugares na catedral. Nesta última missa estamos a abarrotar”.

O “**bispo vermelho**” que defendeu os emigrantes, apesar de ter de lutar contra as leis de repatriação, esteve sempre ao lado dos mais desfavorecidos da sociedade, tornando-se a voz dos que não tinham voz.

Numa entrevista, em janeiro de 2011, o bispo Gaillot dizia, a propósito da sua destituição pela Santa Sé: “*Uns dias antes, fui chamado ao Vaticano, sem saber porquê. Em menos de um dia, foi decretada a minha expulsão da diocese*”. O bispo Gaillot explicou, nesta entrevista, “**o processo**” que deu origem à sua expulsão da diocese de Evreux: “*O cardeal Bernardin Gantin, prefeito da Congregação dos bispos, propôs-me que assinasse a minha demissão, sendo-me permitindo, deste modo, manter o título honorífico de bispo emérito de Evreux. Não assinei coisa nenhuma. Nomearam-me, então, bispo de*

**Parténia, (na atual Argélia), uma diocese que não existe desde o século V**”. Dizia a propósito do seu afastamento. “*Não tenho **provas concretas** das razões da minha destituição. Referiram-me fontes fiáveis que o governo francês, em particular o ministro do interior de então, Charles Pasqua, terá tido a ver com a decisão do Vaticano*” de destituir o “bispo vermelho”. E por isso acrescentava: “O Vaticano e o governo francês quiseram afastar-me”.



Uma vez destituído, Gaillot, que tinha sido nomeado bispo em 1982, converteu-se no **advogado das causas perdidas**, defendendo os mais pobres da sociedade, e combatendo a injustiça que sempre oprime os mais vulneráveis. Ao deixar a diocese de Evreux, como não tinha onde alojar-se, (como ele próprio confessava), disse ter-se instalado “*durante um ano num edifício recuperado por famílias sem-abrigo e estrangeiros indocumentados, em Paris. Fui, depois,*

*acolhido pela comunidade dos Missionários do Espírito Santo”.*

Em outubro de 2001, o bispo dos pobres defendeu a **abertura de fronteiras** e a solidariedade com os estrangeiros. Dizia Gaillot: *“Mais do que pertencer a um país ou a uma cultura, nós somos habitantes do planeta. Mais do que sermos do Norte ou do Sul, somos cidadãos do mundo”.* Solícito com os que mais sofriam, em outubro de 2000, a polícia impediu-o de entrar numa igreja de Almeria, onde cinquenta e nove emigrantes cumpriam doze dias de greve de fome. Uns anos antes, em 1991, durante a guerra do Golfo Pérsico, Gaillot condenou o bloqueio contra o Iraque.

Em 1987, na África do Sul, o “bispo vermelho” manifestou-se contra o apartheid, uma atitude profundamente antievangélica. **Defendia uma Igreja “que precisa de mudar e modernizar-se”.** Com coragem profética, do mesmo modo que o papa Francisco fala e atua, o bispo Gaillot dizia, igualmente: *“O comércio de armas é um verdadeiro atentado contra os direitos humanos. O que mais me preocupa é o desequilíbrio entre o Norte e o Sul, a violência institucional, as crianças que morrem de fome.*

Agora, passados vinte e cinco anos após a destituição do bispo

Jacques Gaillot, vale a pena recordar que o **ABBÉ PIERRE** definiu a destituição do “bispo vermelho” como **“um erro igual a muitos outros, de que história da Igreja está cheia”.** E o bispo de Lille, **Jean Vilnet**, disse, também, a propósito da destituição de Gaillot pelo Vaticano: **“Esta decisão é de uma extrema gravidade. Os pobres, os marginalizados, os excluídos e os que andam em busca da esperança, sentiam-se compreendidos, apoiados e reconhecidos”.**

Inclusivamente, o cardeal arcebispo de Paris, **Jean-Marie Lustigier**, falou de **“dor e surpresa”**, face à decisão do Vaticano de destituir Jacques Gaillot.

Cabe, aqui, sublinhar que, em setembro de 2015, vinte anos após a sua destituição, o papa Francisco recebeu o bispo Gaillot, tendo este afirmado que Bergoglio era **“um homem muito livre”.**

Vinte e cinco anos após a destituição do bispo Gaillot, agora, em plena primavera do papa Francisco, **é necessário recordar este homem livre, irmão dos mais pobres e bispo das periferias.**

JOSEP MIQUEL BAUSSET

[https://www.religiondigital.org/opinion/Josep-Miquel-Bausset-Jacques-Gaillot\\_0\\_2202079807.html](https://www.religiondigital.org/opinion/Josep-Miquel-Bausset-Jacques-Gaillot_0_2202079807.html)